

A EXPRESSÃO PERCEPTIVA DA POESIA NA METAFÍSICA DA CARNE
THE PERCIPIENT EXPRESSION OF THE POETRY IN THE METAPHYSICS
OF THE FLESH

*Gilmar Leite Ferreira*¹

Resumo: O artigo reflete sobre a expressão perceptiva da poesia na metafísica da carne. Nele, busca-se a compreensão do entrelaçamento corpo e poesia transformando a existência, onde a palavra poética se mostra de maneira encarnada. O trabalho reflete a revelação do corpo por intermédio da poesia se mostrando ao mundo por meio da experiência estética e da criação poética. Nele, mostra-se a compreensão entre a arte poética e o corpo, num diálogo sensível, que ontologicamente se revela ao mundo na expressão criativa, na linguagem, na estética, expandindo e dando sentido à existência, sempre em busca da elaboração de sentidos e na construção de novos significados. Tendo a filosofia de Merleau-Ponty como aporte teórico, os passos dados no artigo têm na experiência estética a expressão perceptiva da poesia na metafísica da carne, mostrando o universo da criação poética, a qual revela a existência por meio da palavra encarnada e traz novas maneiras de perceber-se e de perceber o mundo.

Palavras-chave: Corpo. Poesia. Percepção. Metafísica. Experiência Estética.

Abstract: The article reflects on the perceptual expression of poetry in the metaphysics of flesh. In it, we seek to understand the intertwining of body and poetry, transforming the existence, where the poetic word is shown so embodied. This piece of work reflects the revelation of the body through poetry showing itself to the world through aesthetic experience and poetic creation. In it, it is shown that the understanding between poetic art and the body, a sensitive dialogue, which is ontologically unveiled to the world in creative expression, language, aesthetics, expanding and giving meaning to life, always seeking the elaboration of senses and the construction of new meanings. Having the philosophy of Merleau-Ponty as the theoretical framework, the steps taken in the article hold in the aesthetic experience the perceptive expression of poetry in the metaphysics of flesh, showing the universe of the poetic creation, which reveals its existence through the embodied word and brings new ways of perceiving itself and the world.

Keywords: Body. Poetry. Perception. Metaphysics. Aesthetic Experience.

Aproximar a arte poética e a filosofia é uma tentativa que abre horizontes para construção de um conhecimento sensível possibilitando uma melhor compreensão do mundo e de nós mesmos. A poesia com suas explosões de expressividade, com os movimentos das coisas indeterminadas, sempre por se fazer e se refazer a cada instante, talvez possa mostrar o mundo de forma mais sensível a partir do que nós somos e do que poderemos ser. Por nos afetar e por nos mover, “possivelmente”, ela nos abra espaços para a compreensão da vida, pondo em movimento a nossa existência,

¹Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Laboratório VER (Visibilidade do Corpo e da Cultura de Movimento). Grupo GEPEC (Corpo e Cultura de Movimento). Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: poetagilmar@gmail.com

igualmente o rio, que oferece as suas águas constantemente, embora nunca sejam repetidas.

A filosofia de Merleau-Ponty é uma tentativa de compreender o homem e o mundo e nos fazer repensar a vermos e percebermos o mundo como se fosse à primeira vez. Por ser uma filosofia sempre em construção, se nega habitar as coisas de forma definitiva. O pensamento do referido filósofo nos põe num mundo em constante movimento, repleto de interrogações, sempre mostrando outras possibilidades para uma nova compreensão do que está por existir.

A poesia entrelaçada com a filosofia de Merleau-Ponty abre caminhos para uma metafísica da existência, apresentando várias maneiras de se perceber o mundo, ampliando horizontes e nos dando novos sentidos, os quais estão sempre abertos para outras compreensões. “A palavra não é tradução de um sentido mudo, mas criação de sentido. A linguagem não “veste” ideias – encarna significações, estabelece a mediação entre o eu e o outro e sedimenta significações, estabelece o que constitui uma cultura. A palavra é a modulação de uma certa maneira de existir, que é originalmente sensível (CHAUI, 1989, p 12).

A expressão perceptiva na metafísica da carne por meio do estado poético entrelaça o corpo e a poesia em que ambos se tornam sujeitos para uma existência una, sempre em movimento, onde a vida é movida pela expressão criativa e se realiza na experiência sensível. “A fenomenologia do sensível é profundamente marcada pelo encontro do olhar com a significação, processo em que não há separação entre expressão e o expresso, o ato e a significação” (NÓBREGA, 2010, p 85)

Sobre a estética, Merleau-Ponty nos convida a compreender a obra de arte a partir do instante em que possamos trilhar nos espaços, nas cores, nas palavras, nas imagens, nos vazios, nas paisagens, no não dito, nas perspectivas e em todas as formas e modos que compõem a arte, nos dando outra visão, diferente da estética clássica, que se constitui no discurso da definição ou percepção do belo instituído. Nessa perspectiva, ao mergulhar nos recantos das palavras poéticas, nos ritmos que elas têm, nos seus sons de leveza, o corpo dança poeticamente e se expressa ontologicamente se abrindo para o mundo e revelando signos que atribuem novos sentidos a existência. Esse movimento acontece porque a percepção se abre para o mundo do sentir quando a poesia nos encanta.

É preciso que o mundo percebido articule, através do encantamento, um lugar de referência sem sabermos ao certo esse lugar. Não basta extrairmo-nos do mundo da percepção, isso não prova nada, tendo em vista que as diferenças entre as argumentações não são absolutas, devemos sim, juntá-las com nossas experiências para envolver o sentido da função ontológica (SILVA, 2010, p 121).

A metafísica do Ser através da palavra encarnada se faz presente também no ato da criação poética, do entregar-se ao mundo e ao mergulhar na sensibilidade no ato da criação. Nesse momento há um entrelaçamento do poeta e do mundo para uma metafísica que se revela na poesia e na existência do poeta.

Segundo Merleau-Ponty, o mundo do visível e do vidente se faz presente em um único ser, no corpo, que ao ver o mundo é também visto por ele. Como observa o filósofo: “sem, portanto, entrarmos nas implicações própria do vidente e do visível, sabemos que, sendo a visão palpação pelo olhar, é preciso que também ela se inscreva na ordem que nos desvela, é preciso que aquele que olha não seja, ele próprio, estranho ao que olha” (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 130).

Por isso, quando o poeta percebe o mundo, ele é tomado pelo que está em seu entorno e em tudo que faz parte do espetáculo do mundo, o qual penetra no universo do seu corpo, afetando a sua existência. Para Merleau-Ponty (2004) o corpo não é compreendido como a junção de partes distintas, articuladas de forma mecânica, e nem a criação é um estado de recepção de um espírito, vindo de algum lugar para animar todo processo da criação, mas sim, é a explosão do Ser na relação corpo/mundo que se faz presente na expressão criativa. É vendo o mundo que o poeta faz a poesia nascer. Se faz, porém, necessário que haja um abandono de si mesmo, uma suspensão, um alheamento, para depois o retorno e, em seguida, a explosão do corpo, embriagado de poesia, realizando-se na metafísica da carne.

No entrelaçamento das coisas visíveis e o olhar que apalpa o mundo surge uma relação ampla entre o visível e o vidente. “O visível a nossa volta parece repousar em si mesmo. É como se a visão se formasse em seu âmago ou como se houvesse entre eles e nós uma familiaridade tão estreita como a do mar e da praia” (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 128).

É no entregar-se a poesia que o mundo se posta a nossa frente, despertando o olhar para além da visão comum e buscando por meio do sensível o entrelaçamento do vidente e do visível. A visão quando esposa o visível para além da sua membrana permeável e penetra no mundo do invisível, nos faz sermos capazes de enxergar o que

não estava visível ao olhar comum. Por isso, diz Merleau-Ponty, “talvez agora se perceba melhor todo o alcance da palavra ver: a visão não é certo modo de pensamento ou presença a si: é o meio que me é dado de estar ausente de mim mesmo, de assistir por dentro da fissão do Ser, ao término do qual somente me fecho sobre mim” (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 42).

É preciso que ao olhar algo, a visão não busque o que está estabelecido, mas sim, que seja como se fosse à primeira vez que o olhar se posta a vê-lo, mesmo já tendo sido visto antes. Nada se mostra de forma inteira, desnuda, e mesmo o olhar com todo poder de alcance, não consegue ver as coisas completamente, porque elas se escondem nas dobras da linguagem, nas silhuetas da expressão e no silêncio da comunicação. Sendo a visão o meio de penetrar nas coisas, de conhecer os segredos do visível, necessita-se um entrelaçamento do vidente e do visível para que, em seguida, o olhar apalpe as coisas do mundo:

Sem, portanto, entrarmos nas implicações próprias do vidente e do visível, sabemos que, sendo a visão palpação pelo olhar, é preciso que também ela se inscreva na ordem do ser que nos desvela, é preciso que aquele que olha não seja, ele próprio, estranho ao mundo que olha. Uma vez que vejo... que a visão seja redobrada por uma visão complementar ou por outra visão: eu mesmo visto de fora, tal como o outro me visse, instalado no meio do visível, no ato de considerá-lo de certo lugar. (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 131)

Nesse sentido de ausência e presença, para perceber o mundo e a si mesmo, descobrem-se por meio da visão mundos latentes, invisíveis, que espera tornarem-se visíveis pela palpação do olhar. O visível é uma membrana permeável que nos leva a profundidade das coisas para esposá-las através do olhar sensível. Ora, “é próprio do visível, dizíamos, ser a superfície de uma profundidade inesgotável: é o que torna possível a outras visões além da minha” (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 139).

O Ser da profundidade não é um ser imerso no mundo psíquico ou das ideias, (segundo a psicologia e a filosofia clássica), que transcende por meio da metafísica da alma, mas sim, do corpo, que a cada experiência vivida se transforma e se expande revelando novos sentidos e significados. Para alcançar o espetáculo do mundo é preciso que o corpo se abra e seja tomado pela estesia, pelo estranhamento, pelo silêncio e pela fluidez do movimento da vida.

A expressão da experiência sensível por meio de vocábulos sedimentados e partilhados torna possível a um sujeito tanto desvelar a sua vida silenciosa particular aos demais sujeitos que comungam do mesmo código lingüístico quanto apreender a experiência sensível de outros falantes (FERRAZ, 2009, p 96).

A poesia nasce na intersubjetividade do Ser e do mundo em que o vidente se torna visível e vice-versa. Por meio do entrelaçamento, a poesia vai buscar a profundidade de um mundo que se esconde e que grita para ser revelado por meio da arte poética. É exatamente o que eu digo no soneto “Segredos Revelados” ao buscar no silêncio da natureza um mundo latente em completo movimento que se revela por meio da palavra poética. Tomado por uma natureza oculta foi preciso mergulhar na profundidade da existência e buscar na respiração das palavras as paisagens percebidas pela sensibilidade.

Escondido num bosque ocultado,
Encontrei na latência da semente,
Um jardim invisível, perfumado,
Exalando o mistério aurifulgente.

Escutei sob um vale encantado
A cantiga sutil duma corrente,
Que corria pra um lago sepultado,
Escondido no monte imponente.

Percebi num ocaso mil auroras,
E nos grãos, diversificadas floras,
Com gigantes paisagens coloridas.

Numa curva, perdi-me sobre as retas;
E nos versos, achei grandes poetas,
Desvendando as almas escondidas. (FERREIRA, 2008, p. 152)

Nota-se no soneto o romper da membrana do visível para ver o “invisível” por meio do olhar sensível, ao dizer que: “encontrei na semente um jardim latente” (FERREIRA, 2008, p. 152), semente esta, que se encontra num bosque ocultado. É o que diz Merleau-Ponty sobre alcançarmos com a visão “onde quer que estejam, seres reais, como esse poder que recorre ainda à visão, reemprega os meios de obtermos dela” (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 42).

Na poesia, ao penetrar na profundidade, os sentidos escutam o som de um rio oculto sob um vale, que procura um lago escondido sob a montanha. Desvendar o mundo, se entregar a ele, enchê-lo de visões sensíveis e transbordá-lo de poesias, é

construir novas formas de ver e de ser, saindo do olhar comum e esposando as coisas por meios dos sentidos. “Para o sujeito perceptivo, que faz da sua experiência de perceber um meio de comunicação com o mundo, a percepção não põe o percebido como um objeto representado diante de nós, mas como uma presença não tematizada que vemos com os olhos”(CAMINHA, 2010, p 51)

A filosofia de Merleau-Ponty nos faz reaprender a perceber o mundo. Ela, não é a simples dialética de opostos ou uma antítese em busca de uma síntese final, mas sim, é a intersubjetividade, o movimento e a ampliação da expressão criativa. A visão poética amplia o mundo quando nos diz que: “nos grãos estão diversificadas floras, com gigantes paisagens coloridas” (FERREIRA, 2008, p. 152), e aproxima momentos distintos no transcorrer do dia, quando vê “um ocaso em mil auroras”. (FERREIRA, 2008, p. 152). O desdobrar da visão consegue criar nos espaços existentes outras possibilidades geográficas; isso é expresso quando a poesia diz; “caminhando sobre as curvas, eu me perco nas retas” (FERREIRA, 2008, p. 152).

A visão desvenda e encontra no silêncio da linguagem um mundo vivo, expressivo e em movimento, como o que é mostrado ao finalizar o soneto, dizendo: “nos versos encontrei grandes poetas desvendando as almas escondidas” (FERREIRA, 2008, p. 152). Isso explica porque a linguagem nunca está pronta, de forma acabada, seja no silêncio ou na expressão, seja nos acidentes das palavras, nos vazios, ou no turbilhão de sons e ruídos que ela nos proporciona.

Para compreendê-la, não temos de consultar algum léxico interior que nos proporcionasse, com relação às palavras ou às formas, puros pensamentos que estas recobririam: basta que nos deixemos envolver por sua vida, por seu movimento de diferenciação e de articulação, por sua gesticulação eloqüente (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 71).

Os movimentos da poesia na existência se assemelham às ondas do mar. São ondas, mas nunca são as mesmas ondas, pois cada uma tem tamanho, forma, velocidade e movimento distinto. Trata-se, portanto, de uma condição já presente há milhões de anos, e continuará assim até que a terra continue a existir. Enquanto existir vida, o homem exprimirá, via a experiência do corpo junto ao mundo, as formas mais variadas, sempre de acordo com o mar de culturas em que está inserido. Ora, na existência por meio da poesia há sempre um mundo a ser dito ou revelado. Sempre há uma reticência do que pode vir a dar sentido àquilo que ainda não foi dito. Cada palavra ao juntar-se uma à outra, traz dos espaços antes existentes, expressões poéticas em movimentos,

afetando o mundo e inundando-o de movimentos, numa estesia sensível que afeta a existência do Ser:

Muito mais que um meio, a linguagem é algo como um ser, e é por isso que consegue tão bem tornar alguém presente para nós; a palavra de um amigo no telefone nos dá ele próprio como se estivesse inteiro nessa maneira de interpelar e de despir-se, de começar e terminar as frases, de caminhar pelas coisas não ditas. O sentido é o movimento total da palavra, e é por isso que nosso pensamento demora-se na linguagem. No momento em que a linguagem enche nossa mente até as bordas, sem deixar o menor espaço para um pensamento que não esteja preso em sua vibração, e exatamente na medida em que nos abandonamos a ela, a linguagem vai além dos “signos” rumo ao sentido deles. E nada mais nos separa desse sentido: A linguagem não pressupõe a sua tabela de correspondência, ela mesma desvela seus segredos, ensina-os a toda a criança que vem ao mundo. É inteiramente mostração (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 71; 72).

O mundo da linguagem é um universo em constante elucidação. A poesia que é uma das constelações da existência transpõe, por meio das palavras, as claridades expressivas do Ser no mundo, revelando novos sentidos e significados. Como o próprio universo é inesgotável, a linguagem não se mostra em sua totalidade, pois sempre deixa oculta na porosidade do corpo os “buracos negros” das indeterminações do Ser expressivo. Por mais que haja uma plenitude do corpo em movimento, do estado poético da criação ou da falação, algo se ocultará no silêncio que há no intervalo dos gestos, das ações tácitas, do mover-se sem compromisso e sem determinação para o que não foi estabelecido. O corpo revela-se e se oculta ao mesmo tempo, como o sol quando nasce na aurora espetacular para depois ocultar-se no ocaso, repleto de imprevisibilidade para a noite que se aproxima. Na palavra poética a linguagem nunca se mostra como se espera. Quer dizer: “A linguagem significa quando, em vez de copiar o pensamento, deixa-se desfazer e refazer por ele” (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 73).

O retorno ou recomeço no mundo da linguagem, não é um refazer do que está determinado para ser visível; mas sim, é a reconstrução do que não foi feito, dos espaços abertos e das possibilidades imprevistas do Ser no mundo. O corpo nunca se mostra por inteiro. Sempre fica oculto nas dobras da linguagem um mundo latente, fugaz, que se apressa a não dizer nada, num silêncio mudo que fala por meio de signos, nos intervalos tácitos das coisas não ditas. A poesia, que nasce do silêncio ou dos turbilhões de ruídos do Ser no mundo, rasga a carne, deixando o corpo senciente/sensível, o qual se expressa na linguagem criativa e ontológica da existência.

Como bem avalia Merleau-Ponty: “é preciso que ela seja a poesia, isto é, que desperte e reconvoque por inteiro o nosso puro poder de expressar, para além das coisas já ditas ou já vistas (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 82).

O corpo que é feito de poesia, que se mostra na metafísica da carne, sempre se revela por meio da linguagem e da expressão criativa, os contornos, as angústias, as alegrias, a solidão, os fantasmas, o rompimento das coisas prontas, as quais são desconstruídas e reconstruídas pelo Ser da poesia. Nessa medida, a poesia amplia o mundo, a carne do Ser e o Ser no mundo. Sua expressão rompe os padrões do determinismo cristalizado que hiberna na inércia das coisas prontas e estabelecidas pelos ditames do pensamento opaco e imóvel. As inquietudes do poeta no mundo fazem da poesia uma espécie de grito do Ser metafísico, que sangra os sentidos, aumentando à pulsação e desnudando a linguagem do Ser que se constrói desconstruindo o que estava determinado. É o romper de tudo que oprime e cristaliza o Ser. É o que revela o poema “Nó na Garganta”:

Queriam que eu fosse um homem decente...
Tem jeito de gente!
Porque não procura ser igual, um ser normal!
Olha teu irmão, tão bem que vai.
Puxou ao pai!
Paletó, gravata, pasta 007 na mão.
Um modelo padrão!
Eu tentei. Um eu tentei mudar o curso do vento...
Velejar de encontro ao vento, mudar o tempo!
Mas não consegui... Explodi. Estourei como uma dinamite...
Arrebentando porta, parede... Limite.
Levando tudo aos ares... Por todos os lugares,
Destroços de mim.
Eu não podia ser assim.
Rotularam-me de louco... Dupla personalidade
E ainda achando pouco, deturpador da verdade.
Eu sendo você, não sou eu, nem você e nem ninguém.
Sou burro de viseira, dor de caganeira
Que essa gente tem. Menos um alguém!
Um vulto apagado, passado... Esquecido.
Espremido na memória... Uma coisa ilusória,
Sem sentido e sem razão.
Não! Eu digo não. É hoje, aqui e agora.
Seja como for.
Essa boca tem dentes, porque se somaram os ingredientes.
Essa cabeça tem ciências, porque se somaram todas as experiências.
Acaba com essa mania de bem, mal, feio, bonito, pecado e proibido.
Deixe vontade dos ventos
Ventos do norte, ventos do sul, ventos do leste, oeste, noroeste,
centro-sul.

Ventos de todas as partes vão me mostrar com arte o rumo a seguir.
É preciso ter coragem para viver e encarar.
A terra dar a árvore... A árvore dar fruto, e o fruto eu como!
Eu como se não fosse esperar essa terra um dia vou fertilizar.
Carne, nervos, sangue, ossos...
Hão de serem esterco... Hão de serem destroços.
Não perco tempo. Irei agora aos abismos mais próximos,
E pularei, espatifando minha estrutura nas rochas da escuridão.
Caminharei léguas e léguas em busca de um prazer qualquer.
De um prazer que me estrague... De um prazer que me pague o sacrifício...
Sacrifício de ser... Ser humano em meio a feras.
Utopia seria buscar o contrário... O arbitrário coração,
Arrebenta o peito, acelera a pulsação.
Acabe o preconceito... Pudor... Tabu... Repressão.
Me entrego de corpo e alma, por completo, com paixão.
Pare com esse falatório. Eu quero silêncio nesse velório.
Eu quero respeito aos mortos, pelos mortos que somos.
Para que ouçam meu grito, antes que eu me cale...
Antes que o dedo aperte o último botão;
E cai a pele, e o corpo se esfacele.
Fogo, poeira, inverno.
Manda esse todo profano pras profundas do inferno.
Liberdade! Pura flor de rara essência.
Tem a cor da consciência e o odor dos animais.
Liberdade! É o que ouço pelas ruas;
Amizades coloridas... Idéias nuas...
Todas as bocas se articulam corretamente.
Mas, o que sabe essa gente?! (MARTINS, arquivo do autor)

O “Nó na Garganta”, desatado pelo Ser poeta através do poema citado, é a expressão metafísica do poeta ao romper as pressões de uma vida outrora angustiada, e sem medo de enfrentar as indeterminações, vindo a se jogar no escuro abismo da imprevisibilidade, rompendo a obrigação de viver de acordo com o que foi estabelecido. Ora, como diz Merleau-Ponty, o ser metafísico do poeta tem “o corpo posto de pé diante do mundo e o mundo de pé diante dele, e há entre ambos uma relação de abraço. E entre estes dois seres verticais não há fronteira, mas superfície de contato” (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 242).

O poeta sabe que não pode mudar o curso do tempo, por saber que o mesmo não repousa num mundo mecânico, mas sim, num mundo em constante movimento. O mundo indeterminado e imprevisível do poeta expande a carne na dimensão metafísica do sensível, o qual sangra dos sentidos uma correnteza de significações. O pensamento de Merleau-Ponty nos mostra que: “a noção essencial para tal filosofia é a da carne, que não é o corpo objetivo, que não é tampouco o corpo pensado pela alma (Descartes)

como seu, que é sensível em duplo sentido daquilo que sentimos e daquilo que sente (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 234).

A carne do poema é a carne do poeta e a carne do mundo, pois o poeta e o mundo, tal qual uma relação de quiasma, estão entrelaçados, tocados e visíveis um ao outro, sem separação nem hierarquias. Nesse sentido, “a polpa do sensível, o seu indefinível, não é outra coisa senão a união nele do “dentro” e do “fora”, o contato em espessura de si consigo – O absoluto do “sensível”, é essa explosão estabilizada, e, que comporta o retorno” (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 240).

O poeta Martins se entrega ao mundo e busca no silêncio o retorno para si mesmo, e, no auge da liberdade, percebe as relações humanas na imprevisibilidade do dia a dia, pela nudez das ideias e pelos encontros e desencontros das pessoas no cotidiano do viver. O poeta se entrelaça ao mundo, ao *outrem*, a partir de que o “*outrem* não é tanto uma liberdade vista de fora como destino e fatalidade, um sujeito rival de outro sujeito, mas um prisioneiro no circuito que o liga ao mundo, como nós próprios, e assim também no circuito que o liga a nós – É este mundo que nos é comum, é *intermundo*” (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 241).

A poesia, experiência encarnada, amplia a existência, como o sol que ao nascer, amplia a visão e nos faz ver a natureza diferente a cada manhã. Há sempre um recomeço do Ser/Corpo no mundo, que como a própria vida flui no rio das indeterminações e deixa-se descer no movimento das águas, que nos levam “a toda parte e em parte alguma” (MERLEAU-PONTY, 1991). O corpo move a poesia e a poesia move o corpo numa dialética que se expande através da metafísica da carne, se interpondo ao mundo. Volta a escrever Merleau-Ponty:

O corpo interposto não é propriamente uma coisa, matéria intersticial, tecido conjuntivo, mas um *sensível para si*, o que quer dizer não este absurdo: cor que se vê, superfície que se apalpa, mas este paradoxo{?}: conjunto de cores e superfícies habitada por um ato, uma visão, portanto, *sensível exemplar*, que capacita a quem o habita e o sente de sentir tudo o que de fora se assemelha, de sorte que, preso no tecido das coisas, o atrai inteiramente, o incorpora e, pelo mesmo movimento, comunica às coisas sobre as quais se fecha, essa identidade sem superposição, essa diferença sem contradição, essa distancia do interior e do exterior, que constituem seu segredo natal. (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 132).

Merleau-Ponty explora a tese de que essa eclosão da poesia na metafísica da carne arde os sentidos, transborda o Ser sensível com as ondas da linguagem; inunda o

corpo com a enchente sinérgica do senciente e expande o mover-se para o mundo. A poesia é dor; é bálsamo; é angústia; é vibração; é dilaceração; é ajuntamento; é pulsação; é febre; é liberdade; é voo; é mergulho; é imagem; é enraizamento; é entrelaçamento; é profundidade; é grito; é silêncio; é alegria; é tristeza; é introspecção; é expressão; é existência; é linguagem; é comunicação; é estesia; enfim, a poesia é a fissão do Ser na metafísica da carne.

A poesia do Ser ou o Ser da poesia é o entrelaçamento do sensível vidente afetado pelas coisas do mundo. Por isso, caminhar tendo a filosofia de Merleau-Ponty como norte, nos apontará um horizonte aberto para que possamos nos dirigir a ele em busca de novas compreensões, sempre questionado o que está por vir, tendo a consciência de não fechar o conhecimento num círculo, mas, sim, “colocá-lo num espiral, para que possamos seguir em frente, e se quisermos voltar ao núcleo, teremos a oportunidade de novas percepções”. (REZENDE, 1990, p. 34). Enfim, Merleau-Ponty quer

[...] mostrar que a filosofia como interrogação (isto é, como acomodação em volta do isto e do mundo que lá está, de um oco, de um questionamento, onde isto e mundo devem *eles próprios* dizer aquilo que são, - isto é, não como pesquisa de uma variante da linguagem, de uma essência léxica, mas como busca de um invariante do silêncio, da estrutura) só pode consistir em mostrar como o mundo se articula a partir de um zero de ser que não é o nada, isto é, em instalar-se na margem do ser, nem Para si nem no Em si, na juntura, onde se cruzam as múltiplas *entradas* do mundo. (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 234; 235)

A filosofia de Merleau-Ponty, que se mostra como ponto de partida e de chegada, sempre abrindo novos campos de interrogações e buscas incansáveis para outras compreensões do mundo e de nós mesmos, nos aproxima das coisas e nos convoca a afastarmos delas, para que a cada nova aproximação sejam compreendidas novas formas de perceber o mundo e a nós mesmos. Por isso, buscou-se compreender, nesse texto, a percepção por meio da poesia no contexto de uma metafísica da carne, tendo a linguagem, a estética e a criação poética como a transubstanciação do Ser que se mostra poesia, afetado pela experiência estética e revelado por intermédio da palavra encarnada.

REFERÊNCIAS

- CAMINHA, I. O. *O distante-próximo e o próximo-distante: corpo e percepção na filosofia de Merleau-Ponty*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2010.
- CHAUI, M. S. “Introdução”. In: *Merleau-Ponty*. São Paulo: Nova Cultural, 1989 [Col. Os Pensadores].
- FERRAZ, M. S. A. *Fenomenologia e ontologia em Merleau-Ponty*. Campinas, SP: Papyrus, 2009.
- FERREIRA, G. L. *Nascimento*. São Paulo: Seven System International, 2008.
- MARTINS, Valdir. *Nó na Garganta*, acervo do autor.
- MERLEAU-PONTY, M. *O olho e o espírito*. Tradução: Paulo Neves e Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- _____. *O visível e o invisível*. Tradução: José Arthur Gianotti e Armando Moura de Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- _____. *Signos*. Tradução: Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- NÓBREGA, T. P. *Corporeidade e educação física: do corpo-objeto ao corpo-sujeito*. Natal: Editora de UFRN, 2000.
- _____. *Uma fenomenologia do corpo*. São Paulo: Livraria da Física, 2010.
- REZENDE, A. M. *Concepção fenomenológica da educação*. São Paulo: Editora Cortez, 1990.
- SILVA, A. X. *Merleau-Ponty: da fé perceptiva à ontologia da carne*. Curitiba: Editora CRV, 2010.